
Desafios docentes na pós-modernidade: a utilização das tecnologias midiáticas e digitais nas práticas pedagógicas

Leandro Petarnella

Docente da Academia de ensino superior/AES
Mestre em educação
leandro-nunes@uol.com.br

Maria Lucia de Amorim Soares

Docente do mestrado em educação – UNISO
Doutora em ciências
maria.soares@uniso.br

Nas últimas décadas observa-se o desenrolar de duas eras civilizatórias: a da comunicação midiática e da digital. Nessas eras, o papel do professor e as práticas pedagógicas adotadas para o exercício do magistério atravessam um processo profundo de transformação que tem levado o professor a buscar de novas técnicas, com o intuito de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, a sala de aula, hoje, deve proporcionar a interação entre professor e aluno com os meios digitais de comunicação, pois são os atores responsáveis pela dilatação do conhecimento. Logo, refletir sobre possíveis práticas pedagógicas nas duas últimas eras civilizatórias, em uma época caracterizada pela midiaticização e digitalização da cultura com seus bombardeamentos informacionais, sobre possíveis processos de disseminação aberta do conhecimento e sobre o impacto das novas tecnologias na vida cotidiana dos jovens, adquire extrema importância.

Palavras-chave: Cultura digital. Cultura midiática. Pós-modernidade. Práticas pedagógicas.
Sociedade livre

1 Introdução

As tecnologias de comunicação e informação estão reconfigurando as práticas sociais. Na escola, o processo de ensino-aprendizagem já não se realiza sem a interferência das mídias, o que implica dizer que os meios de comunicação, com sua capacidade de influenciar e persuadir, ganham mais notoriedade do que o docente que se coloca, ainda, como detentor do sacrossanto saber, entre o quadro negro e os alunos na sala de aula. É nesse sentido que podemos observar que,

[...] todas as pessoas pensantes do mundo, percebem que nos encontramos diante de uma mudança profunda, que não é apenas tecnológica, mas abrange todas as esferas da vida social” [...]para onde e para que nos leva esta mudança? (SCHAFF, 2001, p. 16).

Ao categorizar a cultura humana em seis grandes eras civilizatórias, Santaella (2005) nos indica que tal transformação recorrente reflete o amadurecimento cultural da civilização. Indica, ao mesmo tempo, que a era da comunicação oral, considerada a primeira era civilizatória, é utilizada até hoje. Com o surgimento da comunicação escrita, apesar de categorizar um avanço tecnológico no contexto em que estava inserida, aglutinou-se com a comunicação oral. Em uma terceira era, a comunicação impressa, fazendo da escrita um produto com maior poder de penetração entre as sociedades, mesclou-se a comunicação oral e escrita. A comunicação de massa fez com que tais impressos chegassem a uma maior parte da população provocando a dissociação da informação do conhecimento. No entanto, a oralidade, a escrita e o impresso

permaneceram na comunicação de massa, enquanto quarta era civilizatória. Na comunicação midiática, surgem os rádios e as tvs e, paralelamente, verifica-se uma evolução na forma de entender e interpretar as informações. O ser humano passa a perceber os acontecimentos em tempo real e torna-se um terminal cognitivo, em que todas as eras civilizatórias anteriormente descritas, desde a oralidade à massificação, se fazem presente: na quinta era civilizatória, pois conforme Santaella (2005, p. 9):

[...] embora as eras sejam seqüências, o surgimento de uma nova era não leva as anteriores ao desaparecimento. Elas vão se sobrepondo e se misturando na constituição de uma malha cultural cada vez mais complexa e densa.

Durante o advento da era midiática, período histórico em que ocorreu a revolução eletromecânica que deu origem ao rádio e a televisão, “[...] instaurou-se o apogeu da comunicação massiva.” (SANTAELLA, 2005, p. 11). Os meios de comunicação passaram a deter o poder da verdade e a influenciar o cotidiano dos indivíduos, interferindo diretamente nas práticas escolares. Com especificidade, a TV usurpou a capacidade de ofertar aos seus espectadores espantosas quantidades de informações em um curto espaço de tempo, colocando o observador como um terminal receptor.

A cultura midiática pode ser vista como um sistema cultural que envolve uma dimensão simbólica, que compreende (re)construção, armazenamento, (re)produção e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produz quanto para quem os consome. O sistema cultural midiático também implica uma dimensão contexto-temporal e espacial, na medida em que

seus produtos são fenômenos sociais, situados em contextos que têm aspectos técnicos e comunicativos e propriedades estruturadas e estruturantes. Essas afirmativas implicam dizer que a televisão, enquanto fenômeno da comunicação cultural, produz sentidos complexos, sutis, conflitantes, carregados de ideologia e ocupando o lugar de grande produtora de mitos.

A violência da televisão, por exemplo, não se encontra nos assuntos ou conteúdos veiculados por ela, mas sim na sua forma intrínseca, isto é, na imagem enquanto imagem, em sua imediatez persuasiva e exclusiva, transitando livremente no interior dos indivíduos e da sociedade. Sendo assim, a massificação de informação alicerçada na imagem que é, simultaneamente, alicerce, instrumento e resultado da operação midiática, é o ponto de partida para uma reflexão sobre o papel do educador mediante a mídia que deve incidir sobre a civilização contemporânea como sociedade do espetáculo.

A televisão é o mundo e esse mundo é a sociedade do espetáculo, entretecida apenas no aparecimento e na personificação incessante de imagem que a exige ocultando-se de si mesma. Neste contexto, o desafio do educador aumenta e se torna mais complexo ao adentrar na era da tecnologia e da comunicação digital.

A tecnologia e a performance dos meios de comunicações digitais destacada-se pela velocidade, criou uma sexta era civilizatória. Computadores, celulares, *Iphone*, *music player* e toda uma gama de consoles e ferramentas, nos remetem a um outro ambiente: o ciberespaço, em que é permitido um olhar singular ao coletivo formado pelas ligações, interligações e religações de redes informacionais, por meio das articulações dos fragmentos de dados contidos nessas redes. Constitui-se de fios condutores que nos remetem à cultura das informações disponibilizadas virtualmente.

Na cibercultura os sujeitos deixam de ser receptores de informações e passam a ser indivíduos interacionais, ou seja, ao invés de apenas receberem as mensagens produzidas pela mídia, de forma terminal, dada e inquestionável, como ocorre com a TV, passam ser também autores. Por meio das ferramentas informacionais, buscam, recebem e emitem informações no e ao ciberespaço em tempo real, com isso, as subjetividades são (re) configuradas a todo instante e perde-se, neste sentido, o conceito de tempo e/ou espaço. Na cibercultura, a identidade cultural se forma de acordo com a velocidade com que as informações transformam os sujeitos e a capacidade que demonstram de se adaptar, em alta velocidade, às tecnologias digitais.

Para as duas últimas culturas, a era midiática e a digital ou civilizatórias, será analisado o papel do professor e as práticas pedagógicas adotadas para o exercício do magistério. No surgimento da escrita, os conhecimentos que até então estavam circunscritos a mente dos mestres que acumulavam o saber humano, passaram a ser escritos em papiros, causando furor e a descrença de sábios como Platão. Tal tecnologia disponibilizou novos mecanismos para o ensino-aprendizado, pois os discípulos já não precisavam confiar apenas na própria mente e na de seu mestre. Com o surgimento da imprensa, a humanidade pode disseminar o conhecimento produzido. A geração de várias cópias de um mesmo impresso, a partir de uma matriz, propiciou que a mesma informação circulasse em diversos lugares ao mesmo tempo. Com a invenção da prensa mecânica surge o jornal, a primeira mídia capaz de atingir uma enorme quantidade de pessoas ao mesmo tempo, noticiando fatos do cotidiano, revelando informações curtas e momentâneas. Nesse período, inicia-se uma profunda transformação do papel do professor que, preso aos

saberes fornecidos pelas enciclopédias, precisava encontrar novas variantes para fazer funcionar o processo de ensino-aprendizagem. Tal mudança, conforme explicita Filmus (2004, p. 126):

[...] não está intimamente vinculada a novos saberes e as mudanças nos perfis profissionais demandados no mundo do trabalho. Também está relacionada com o tipo de capacidades requeridas para compreender a realidade e participar política e comunitariamente em sociedade cada vez mais globalizadas, informatizadas e complexas.

O poder proveniente da função de mestre e o *status* outorgado a ele pela sociedade faziam com que o professor não sentisse necessidade de avaliar e atualizar suas práticas pedagógicas. Hoje, com o avanço das telessalas, do ensino *on-line* e das práticas ambientalizadas virtualmente, muitos educadores questionam o avanço tecnológico e as necessárias e inerentes mudanças que se fazem necessárias ao seu fazer profissional. A estagnação de professores diante do panorama criador da sociedade do espetáculo, fez com que muitos lutassem contra o devir provocado pela mídia, decretando a falência de seu próprio movimento e, conseqüentemente, a morte do prazer em educar.

Hoje, vive-se a imagem, vive-se para a visibilidade e para a composição de sentidos no plano do olhar. O aluno telespectador é platéia e não cidadão, e como platéia, é só consumidor. Clark (1994, p. 122) nos lembra que:

É preciso construir dispositivos em que simultaneamente se ensine (transmitir) e se aprenda (construir) (apud BARTH, 1993), insistindo no papel insubstituível dos professores e for-

madores como indiciadores (ajudam a superar a barreira) e mediadores (gerar conflitos sociocognitivos, ensinar a viver em grupo).

A leitura crítica, a compreensão da dinâmica e a habilidade para a produção e divulgação de conteúdos disponibilizados pela mídia, constituem uma forma de inclusão social. Para esse quadro, a escola ainda não olhou e se não ensina como assistir à televisão não forma cidadãos para a recepção e utilização crítica das mídias. No caso em questão, esse fato é uma das maiores contradições do sistema educacional atual, pois as novas gerações de alunos saem da escola sem qualquer preparação para realizar, de forma reflexiva e crítica, a atividade que dedicavam um maior número de horas: assistir à televisão. Com o advento da cultura digital, esse panorama se torna ainda mais complexo: a velocidade e a agilidade que movem a chamada pós-modernidade provocam um desafio ainda maior para o professor: Como educar as pessoas para a sociedade hodierna? Como educar esses sujeitos interacionais?

Com a convergência das mídias e das telecomunicações, as quantidades de informações disponíveis aumentam rapidamente e são disponibilizadas a todos que tenham acesso a um terminal de conexão. No tempo de um mundo real insólito, que é o ciberespaço, ambiente também produtor de cultura há, como tal, a necessidade de nova (re) significação, (re) produção, (re) ordenação e invenção do ensino-aprendizagem. O Ciberespaço, num tempo de cibercultura, aposenta o professor transmissor de conteúdos, aquele das conhecidas fichas que serviam para todas as turmas, ano após ano; aquele que “transmitia” novidades para alunos ante os recursos de animação, cores e sons existentes no computador.

O professor deve atentar para o fato de que o computador, assim como a TV, não é uma ferramenta. Eles são um local em si, cheios de informações, ideologias e com o poder de alcançar o que o docente busca em suas aulas, por meio de suas práticas pedagógicas: a (re) significação do sujeito.

Como novos ambientes cognitivos levam as cabeças a deixar de ser analógicas para se tornarem digitais. Nesse contexto, os trabalhos que os professores desenvolvem com seus alunos, devem ser observados sob o aspecto digital. Isto implica em dizer que, tendo como alunos, sujeitos interacionais que se articulam com o ambiente midiático e o digital a todo o instante, eles se tornam parte dos referidos ambientes, se relacionando, muitas vezes, um maior número de horas, com a tv, com o computador, com o celular, ou com quaisquer outros meios de comunicação midiática ou digital. A sala de aula deve proporcionar a interação do professor e aluno com os meios digitais de comunicação, pois são atores responsáveis pela abertura do conhecimento à sociedade. É por meio dessa interação, com os meios de comunicação, que alunos e professores procederão à socialização do conhecimento, fazendo da sociedade em que vivemos uma sociedade livre. Por isso, refletir sobre possíveis práticas pedagógicas nas duas últimas eras civilizatórias, em que a midiaticização e a digitalização da cultura fez com que a sociedade seja bombardeada por informações a todo o momento, sobre possíveis processos de disseminação aberta do conhecimento, sobre o impacto das novas tecnologias na vida cotidiana dos jovens e, conseqüentemente, sobre práticas pedagógicas que busquem a formação de uma sociedade autônoma, que desvelem, na

escola, a criticidade dos sujeitos podem e devem tornar-los livres.

Teaching challenges in post modernity: the use of media and digital technologies for pedagogical practices

In the last decades, it is observed the conduct of two civilization era: the media and the digital communications. In those era, the teacher role and the teaching adapted practices for the exercise of the teaching process is passing through a way of transformation of the teacher to lead the search for new techniques, in order to improve the process of teaching-learning. Today the classroom must provide the interaction between teacher and student with the digital ways of communication, because they are the actors responsible for the expansion of knowledge. So, reflecting about possible teaching pedagogical practices in the last two civilization eras, where the media and digital culture involves us with informational bombardment, about possible open dissemination process of knowledge and on the impact of new technologies in the daily life of young people.

Key words: Digital culture. Free society. Media culture. Pedagogical practices. Post modernity.

Referências

- FILMUS, D. "Breves reflexões sobre a escola do futuro e apresentação da experiência "aulas na rede" da cidade de Buenos Aires", 2004. In: TEDESCO, J. C. T. (Org.) *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?* São Paulo: Cortez.
- SANTAELLA, L. *Culturas e artes no pós-humano*. São Paulo: Papyrus, 2005.
- SCHAFF, A. *A sociedade Informática*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- VIANA, M. A. P. "Internet na Educação". In: MERCADO, L. P. L. (Org.), *Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação*. Maceió: Universidade Federal do Alagoas, 2004.

